

ÍNDIOS

Questão de honra

UCHÔA DE MENDONÇA

Sobre questões de honra, certa feita meu pai, o velho Mesquita Neto, me fez presente um pensamento que o carrego como a mais importante arma para honrar tudo aquilo que digo ou assino. Meu querido velho dizia: "Você, nem ninguém, estão obrigados a prometer. Se prometer, morra cumprindo sua palavra. Seja homem".

Outro dia, escrevi aqui sobre os índios tupiniquins e guaranis (os guaranis foram transferidos do Rio Grande do Sul para Aracruz, no Espírito Santo), as questões que os fazem retornar a atormentar a vida da empresa Aracruz Celulose, localizada no município de Aracruz e, certamente, o mais importante empreendimento brasileiro na utilização de recursos naturais renováveis (celulose à base de polpa de eucaliptos) e o único e verdadeiro pólo de desenvolvimento econômico capixaba.

Em abril de 1998, a Aracruz Celulose assinou um acordo com lideranças indígenas, posteriormente confirmado, com suas assinaturas, por 458 pessoas, representando aquelas lideranças, onde prevê um repasse para as comunidades de Caeiras Velha e Pau Brasil de recursos totais de R\$ 11 milhões e 700 mil em moeda de abril de 1998, no prazo de 20 anos. Desde a data da assinatura do documento, os valores acima estão sendo corrigidos pelo IGP-M ou pelo IPC (o que for maior), em níveis que os protegem de inflação, o que vai evitar qualquer perda para as comunidades beneficiadas, como, por exemplo, a última parcela paga em julho último, foi da ordem de R\$ 296 mil e não de R\$ 270 mil, conforme estava especificado no acordo, sendo o acréscimo de R\$ 26 mil devido à correção pelos índices referidos no documento. Dentro do que assinou, a Aracruz Celulose vem cumprindo rigorosamente seus compromissos, já tendo repassado até agora R\$ 1.700.000,00 à comunidade indígena, ou seja, honrando o que assinou.

Movidos por interesses políticos estranhos a seus princípios de honra, o que sempre formou a tradição dos índios no mundo,

uma "comissão" de tupiniquins e guaranis divulgou, no dia 11 de novembro último, "comunicado" onde deixa claro que quer modificar o acordo, sob os seguintes argumentos:

"O principal ponto que queremos modificar no Acordo é o que diz respeito aos recursos que estão em poder da empresa e que serão repassados a nós a cada semestre nos próximos 18 anos. Queremos que estes recursos sejam depositados em uma conta bancária separada, para garantir a correção da

inflação e juros. Este dinheiro nos pertence e temos o "direito" de exigir que tenha uma aplicação correta para evitar sua desvalorização. Os juros obtidos serão também aplicados nos projetos comunitários que estamos desenvolvendo na aldeia. Somente assim podemos acreditar que o objetivo da auto-sustentação das comunidades indígenas, conforme consta do Acordo, poderá se concretizar. "Finalmente, os índios, sabidos, afirmam que durante as negociações só se falou em dólares, mas na hora de escrever o Acordo ficou em reais... e arrematam: "Queremos informar

que estamos realizando esta manifestação porque a empresa tem sido insensível às nossas reivindicações e inflexível na decisão de não alterar os termos do Acordo, e que pretendemos continuar com a nossa luta até o reconhecimento dos nossos direitos". E foram para a porta da empresa com bandeiras do MST e até partidos políticos.

Vem agora as questões de honra. O acordo foi assinado há um ano e oito meses e a Aracruz Celulose, dentro do que ficou estabelecido, está cumprindo a sua parte. O acordo não podia ser assinado em dólares porque estamos no Brasil e não nos Estados Unidos. Insuflados por agentes do Cimi, MST e outros grupamentos fantasiados de esquerda, os índios promovem a desonra do que assinaram, para mim um fato inédito, a não ser que tais indígenas tenham perdido totalmente a extirpe dos seus ancestrais e pouco estão se importando que os chamem de seja lá o que for. Honra passou a ser no Brasil um negócio muito vulgar. Até para índios...

UCHÔA DE MENDONÇA é jornalista

A honra
passou
a ser no
Brasil um
negócio
muito vulgar